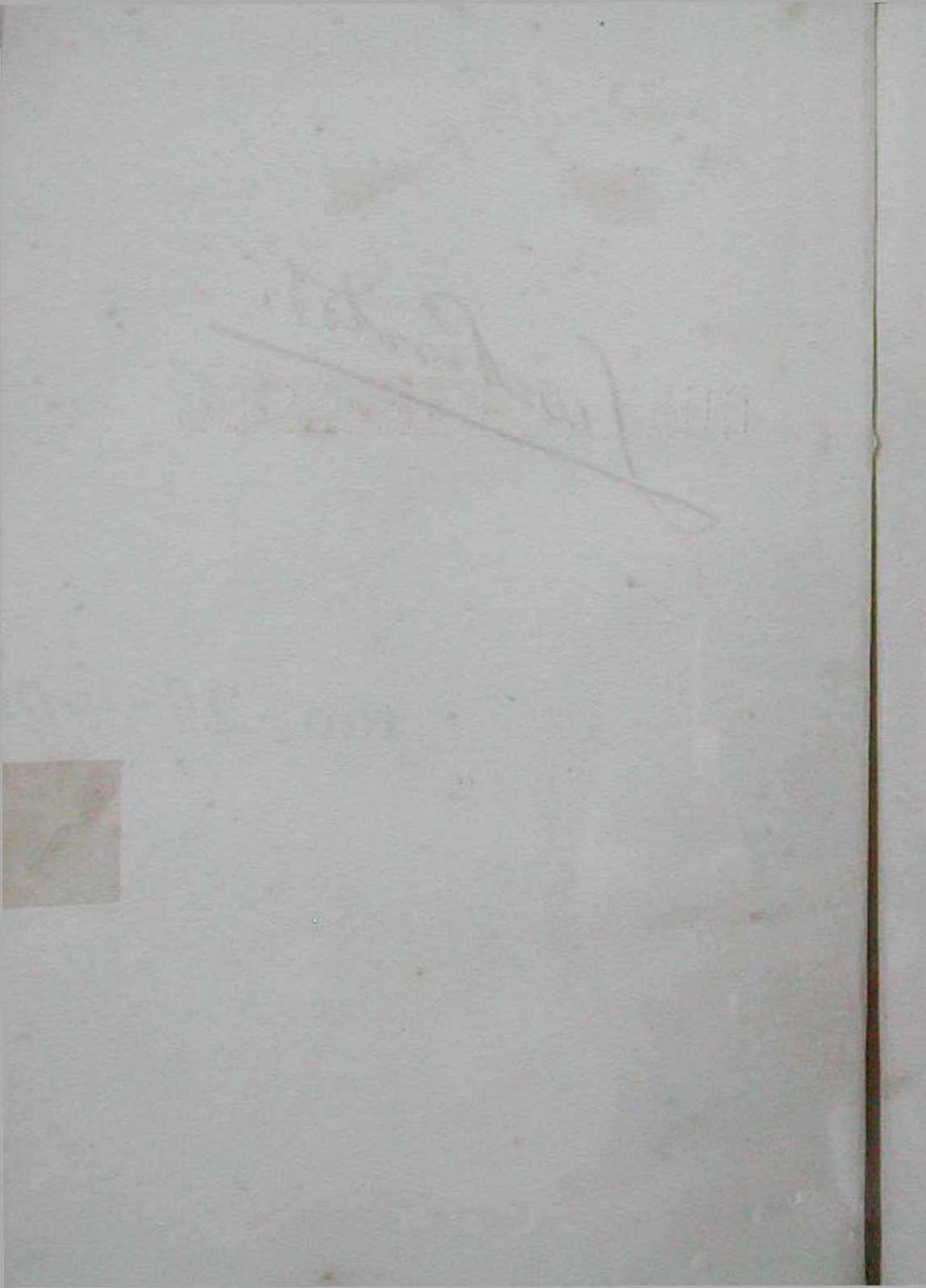


Just Pintol.

Rio - 24 - 4 - 1915



GREGORIO FONSECA



DUAS CONFERENCIAS

ESTHETICA DAS BATALHAS
— O CIUME DOS DEUSES —



RIO DE JANEIRO

—
1914

OR
7.04
86768

Biblioteca Central - UFSC

Nº. 104.341

Data 01/08/88



Esthetica das Batalhas

Printed by the printer

ESTHETICA DAS BATALHAS

A arte é uma profissão de eleitos: só depois de uma selecção natural, em que os fracos e os mediocres se annullam, prevalecem no tempo, em reduzido numero, os predestinados, unicos que attingem á honra suprema de artistas.

Ser artista; produzir uma obra pri-

ma; crear com o bello existente o bello que não existe; fixar para sempre um aspecto novo de belleza que se não repetirá; avançar do seu tempo, do seu seculo, abrindo largas estradas ao pensamento futuro; para os Gregos era divino, é heroico na expressão de Carlyle.

Pelo infinito desconhecido que idealiza, a arte póde ser tambem uma religião. Athenas sonhou agrupar em torno á sua belleza simples e serena o planeta escravizado; venceu-a, — fa-

talidades do progresso humano, — o frio e austero direito de Roma. A Renascença retomou-lhe o sonho: Gregos resurrectos, illudindo a vigilancia catholica, organizavam a victoria, servindo-se da Igreja como instrumento e fazendo dos papas adeptos da fé commum, empreiteiros universaes do trabalho intellectual e monopolizadores em grosso da producção artistica do mundo.

A nota tragica, dava-a a fogueira, queimando os rebeldes á nova crença.

Aviventou-lhe as chammas o inesthetico Savonarola...

... Tempo febril! Brabante imaginava Parthenons grandiosos para um Christo Olympico. Miguel Angelo descobria no apocalyptico juizo final simples motivos estheticos de nú, e o seu Moysés podia ser o Poseidon do templo de Pæstum. Cellini feria, matava, com a mesma coragem genial e arrojada que distendia o braço de Perseu vencedor. Flagello de principes, Aretino gozava magnifico o alto preço dos seus edito-

riaes. A agonia de Julio II foi loucura de Pygmalião, por esvair-se-lhe o sonho de arte. Desenterravam-se as diabas brancas com o religioso carinho secreto dos apóstolos no cenaculo, certificando-se da Resurreição. O Vaticano era uma vasta hospedaria de modelos, um entreposto de belleza animada. Felizes das que então nasciam com um pescoço alongado em linhas perfectas ou um collo em curvatura serena, dignos do pincel de Sanzio!

A' intelligencia e aos sentidos re-

surgia victorioso o culto antigo, a que, para ser uma religião, faltava apenas a moral correspondente.

Poderia tel-a construido Machiavel; porém o antecessor de Nietzche na criação de um super-homem carecia de abnegação dogmatica. Contentou-se por isso com um humorismo triste de bondade vencida, a aconselhar aos principes o punhal e o veneno.

O verbo encarnado da época foi Leonardo da Vinci. Em cadernos esphingicos, que avaramente escondia, es-

boçou todo um evangelho de amor, e, pois, de moral pela belleza. Sua genesis humana contraria a Biblia, negando que o homem tenha sido feito á imagem e semelhança de Deus: o immortal sómente percebe a mão divina no esplendor da carne; porque a materia, dizia, guarda a sua fórma com mais desvelo e orgulho, que a alma a sua nobreza.

Pregava uma moral analogica, filha da realidade: — Não matarás, que attentado! — palavras de Leonardo. — Tirar a vida ao homem, cuja fórma se

revela em ti, como uma maravilha de arte! Pensa no respeito que deves ao espirito que habita esta architectura divina. Tu o deixarás, pois, gozar a seu prazer o palacio sumptuoso do corpo, construído por esforço proprio, e, nem por colera, nem por maldade, aniquillarás uma tão bella vida. Resignate á dôr, exclamava o mago, a natureza converteu a dôr em apanagio dos animaes, dotados de movimento, com o fim unico de melhor lhes conservar os bellos orgãos.

Para Leonardo, o Deus terrestre é o homem, e o homem é o genio creador de fôrmas, inventor de leis, unico merecedor de estatuas e de simulacros.)

A's vezes, o Messias falava a linguagem symbolica das parabolâs, preparando os motivos classicos aos sermões do culto futuro a organizar.

— A agua quiz subir acima do ar, com o auxilio do fogo, transformou-se em vapor; o ar contrahio moléculas; a agua tornou a cahir; absorveu-a a terra.

— Certa pedra, despeitada por ficar occulta entre as hervas, precipitou-se na estrada: as rodas pesadas dos carros reduziram-na a pedaços.

— Uma chamma, apercebendo um cirio acceso, abandonou a lareira, envolveu-o, derreteu-lhe a cêra e apagou-se com a sua ultima gotta; enquanto as outras chammas irmãs continuavam a brilhar.

Leonardo, aristocratico como semi-deus da perfeição, não devia escolher apostolos entre simples e pescadores;

um faustoso e rei foi o primeiro iniciado nos segredos do novo dogma.

Francisco I, grande e cavalheiro, mas autoritario e egoista, reteve o Deus para si. Encerrou o glorioso no Castello de Cloux em Ambroise. Cumulou-o de honras, deu-lhe um calvario suave de abastanças, gozou constricto, só, o mysterio sagrado da transubstanciação do real para a belleza, e, ungido pelo espirito do perfeito, chamou-lhe *Pai*, tal como na linguagem figurada dos velhos mythos.

Após, veio a morte e o Divino ficou esperando a resurreição.

Deserta a estrada de Damasco, o milagre que a immortalizou não se repetio. Paulo morrera de vez, exausto de fazer Deus, hypertrophiado de dogmatismo creador.

Centenaes de annos de silencio e de sombra passaram. Já em fins do seculo XIX, na theologica Inglaterra, ouvio-se uma voz apostolica para a arte. O genio lacunoso de Ruskin tentava coordenar a biblia esparsa da bel-

leza. Seu esforço inutilizou-se num pre-raphaelismo negativista do Messias da Renascença.

Quasi ao mesmo tempo, outra voz, mais medida e serena, bem mais alta pela suave sonoridade, eurythmica como se fosse a de Éschilo declamando as coleras de Io, voz de um velho que passára a mocidade a escrever a historia do Deus e da religião da sua infancia; vibrou em prece santificada sobre as ruinas da Acropole. Rénan, delicioso epicurista do idéal, re-

negando os velhos e barbaros idolos que adorára, cathechizado por sacerdotes provindos dos Syrios da Palestina, pronunciava a sua magestosa oração de graças, por haver attingido á comprehensão da belleza perfeita. Depois... Depois, confusão geral, geral profanação.

A arte mantém-se, ainda hoje, um culto sem organização ritual. Em toda religião sempre ha uma barreira intransponivel entre a grande casta dos crentes e a pequena, dos sacerdotes,

unicos investidos do poder secreto da divindade. Em arte, cabe sómente o pontificado aos senhores dos mysterios do culto — aos artistas: os crentes, extaticos em oração, deviam contentar-se perpetuamente com o suave qualificativo de *artisticos*.

Creio provir d'ahi a confusão, talvez semelhança de termos; mingúa cada vez mais o numero dos crentes; todos querem sacrificar; contentam-se raros com a bemaventurada missão contemplativa; e os *artisticos*, em geral,

sem investidura ou sagração, dizem-se artistas e celebram, commettendo os maiores sacrilegios.

Permitte-me este longo preambulo affirmar que, em absoluto, me manteenho irreductivel, sereno, orgulhoso, na categoria de simples *artístico*. Sou um normal em crenças, um equilibrado; as minhas supremas aspirações estheticas attingiram ao limite: amando a arte, servindo-a com fé convicta, que se aproxima á idolatria, sem jámais a profanar, fazendo-a.

Na superstição maxima do meu culto, paraphrascio Descartes: se pensar é viver, a arte é a vida intensa. E no meu santuario, um minusculo gabinete de leitura, approximo-me da felicidade, quando, em um quasi dormir, esquecimento de tudo que está longe de mim, sonho, gozo o prazer supremo de viver interiormente horas inteiras fóra do tempo que passa; sonho, comprehendendo o invisivel e sinto fulgurante a delicia de pensar, a delicia de existir.

Acordado, de volta ao turbilhão da

vida pratica, ainda sou um feliz, um forte, um sadio, diria um physiologista: não me recordo do sonho, tenho incapacidade completa em repetil-o e nem sequer me importuna a mais leve lembrança dos fulgores sonhados.

Isso demonstra exuberantemente ser eu a negação do artista: artistas são repetidores natos do sonho, immortalizadores inconscientes do idéal.

Eu vos devia a presente explicação pelo extraordinario incidente de vêr-me guindado a estas alturas, falando de

um lugar até hoje reservado a verdadeiros eleitos, como os que aqui me precederam e hão de seguir, artistas de raça, pelo sangue — vocação immanente, pela cultura, ardorosamente adquirida em um labor continuo, e por possuírem, entre todos, o dom inigualavel do verbo, poder de construir com fórma attica a prisão eterna da idéa virgem, prisioneira terrivel e arisca.

Não pretendo que jámais se me applique a ironia contundente de Molière, vestindo o intruso de um ridiculo eter-

no. Venturoso e infeliz *Mr. Jourdain!* conseguiste para genro o filho do Grão Turco, recebeste solemne, de turbante, jurando por Mahomet, a investidura nobilissima do *Mamamouchi!*

É *Mr. Jourdain* é um intruso na gentilhomeria, cousa menos sagrada que a arte, pois a fidalguia, no conceito do *Quichote*, tem por natureza as pontas duvidosas. . .

Imaginai um *Mamamouchi* na litteratura indigena!

*

* *

Esthetica das batalhas, ou, restringindo, pois o titulo seria um pouco obscuro na sua vastidão, a batalha através das bellas artes e, principalmente, através das artes plasticas.

A lucta, o velho thema de belleza plastica e épica, será eternamente oceano de inspiração a esculptores, pintores e poetas de genio.

A primeira manifestação esthetica do homem foi necessariamente um episodio de lucta, reflexo da vida diaria: lucta pela existencia contra os elemen-

tos, enfurnando-se; lucta contra a fome, caçando, dominando os animaes mais fracos; e, quando a lucta o assoberbou, quando os poderosos contrarios, as féras fortes, a natureza brava, se aliançaram para vencel-o, — creou Deus. Deus é um episodio da lucta — divinização do invencivel, do victorioso. O homem primitivo, insculpindo o primeiro *fétiche* e adorando-o, contava egoisticamente com elle para a victoria.

A batalha, embate collectivo, prevalece como soberano modelo das artes:

lucta ampliada, vasta, multiforme, kaleidoscopio desmedido e variado da *pose* e da linha, onde assistimos ao entre-choque de todas as paixões e de todas as virtudes que ascendem á gloria.

Os esthetas da antiguidade, no limite dos conhecimentos archeologicos, assim o comprehenderam; e do antigo Oriente, em que primeiro a pedra e os metaes tomaram fórma, dando aspectos novos á terra, chegam-nos ainda bocados maravilhosos de historia épica.

Os Assyrios divinizaram a força:

Istar, predilecta, era deusa do amor e da guerra. Ao modelarem deuses e *fétiches*, os artistas assyrios distanciam-se da perfeição, povoando céos e terra de divindades macabras. Nos baixos relevos representativos de scenas de combate e apotheoses de reinados victoriosos, foram de uma verdade que assombra.

Os Persas, imitadores dos Assyrios, legaram-nos talhadas na rocha a pique, a alturas inverosimeis, toda uma tactica de combate antigo: carros de guerra,

elephantes, leões, archeiros, cavalleiros em carga arrojada, infantes victoriosos, a cabeça do vencido segura ás mãos crispadas do vencedor.

O monumento capital da arte persa, a ceramica que o Louvre possui, representando os immortaes da guarda de Dario, de tunica branca, semeada de flôres, botas amarellas, carcaz escuro, alto pique de ponta de prata, ainda hoje extasiam no brilho do colorido, enaltecendo o renome da arte oriental, pela

delicadeza do desenho e sobriedade dos motivos.

A arte que floresceu ás margens do Nilo, alma-mater das artes, pela antiguidade, antes da influencia grega, cogitou da duração. A esthetica egypcia almejava a victoria sobre o tempo, construir para a eternidade; mesmo assim, no interior desses tumulos, habitados por mumias incorruptiveis, vêm-se repetidas com orgulho as epopéas marciaes das dymnastias conquistadoras.

Na Grecia...

Falando de arte, ao chegar á Grecia, sente-se o espanto deslumbrador do primeiro homem, vendo pela primeira vez.

Os Gregos, na formula feliz de Rénan, foram “os verdadeiros inventores da belleza”. O germen primitivo e fecundante, que deu ao genio grego o poder de crear a belleza, foi a batalha. O glorioso destino esthetico da Grecia é producto da victoria.

Esta affirmacão demonstra-se logicamente, sem ser por paradoxo, — ex-

pressão precisa de uma verdade indemonstravel.

Na origem, a Grecia é a Illiada, uma victoria.

Durante mais de tres seculos, a poesia perfeita da epopéa heroica, repetida pelos rhapsodos ao som da lyra sonorizada por Terpandro, sustenta com a sua belleza as aspirações communs da raça hellenica. O poema do aédo divino, que Montaigne se admira não tenha altares e não seja um Deus, foi o elemento principal da cultura gre-

ga, a religião, a moral e a semente genitrix informe da fôrma.

O monumental na Illiada é o combate, a batalha: todo o marmore do Pentelico não bastaria para concretizar, esculpturando-as, as scenas de lucta que ella contém.

Ao calor dessa inspiração, a esculptura hellenica de antes de Pericles aproxima-se a passos agigantados do idéal, superior a tudo quanto o Oriente até então produzira, por ser a vida, o movimento. Os artistas audaciosos,

pelo orgulho da obra acabada, escalam o Olympo e insculpem pela primeira vez, na frisa dos templos, os deuses batalhando entre os mortaes; e pela primeira vez, no modelar guerreiro moribundo do frontão do templo de Aphaia, o vencido mantém-se bello e doloroso, no marmore dos vencedores.

Nascia tambem o elemento esthetico por excellencia do combate: Poly-cleto creava perfeito um idéal humano de força feminina, o typo da Amazona guerreira, que será eternamente o mais

bello e escultural soldado de todas as batalhas.

Cortando essa vertigem para a perfeição, desabalava do Oriente entenebrecido a barbaria persa, transformando a Hellade sagrada num montão de ruínas. O genio grego foi admirável na sua ascensão após o triumpho: quinze annos depois da expulsão do ultimo soldado de Mardonio, era o seculo de Pericles.

O velho Heraclito, o grande precursor de Nietzsche, na sua linguagem

genial e cabalística, affirmára uma verdade, dizendo ser a guerra o pai e rei de todas as cousas e de todos os sêres.

Em seguida a Platéa e Salamina — o Parthenon.

A batalha é, portanto, logicamente, a mãe de todas as artes: a arte grega, primogenita sem irmãs, deve o seu surto magnifico ao entusiasmo provocado pelas victorias libertadoras.

Edgard Quinet, pensador e pacifico, confirma semelhante asserto:

“Não, diz, todo o genio de Phidias

seria impotente para imprimir altivez divina, virgindade sagrada a uma Pallas vencida, escrava de Ormuz e de Ahriman. Nem creio tão pouco que os corceis do Parthenon pudessem, de cabeça levantada, correr com tanta desenvoltura, orgulho e vida sobre as frisas, se houvessem sentido ás ancas o chicote dos Médas."

Sobre os escombros da destruição persa, nascem com rapidez de sonho as obras primas que ainda hoje aguardam rivaes que as sobrepujem.

Ha, de Pericles, coordenador supremo desse movimento febril, uma phrase marmorea no elogio de Athenas, synthese de tudo quanto produziram os genios de que se cercou, para a restauração fulgurante da patria gloriosa:

— Amamos o bello na sua simplicidade.

Dentro desse *canon* de belleza simples, Phidias, Ictinos, Polycleto, Callimaco, Miron, Alcamene, Polygnoto e tantos outros esculptores, architectos e pintores de genio, fizeram surgir, como

por milagre, uma cidade nova de templos e monumentos: o Parthenon, os Propyleus, o Érechtheion, templo de Victoria Aptera, o de Theseo, o portico de Pœsilo, semeando ainda de estatuas, colossos e capellas os lugares santificados pelo recente triumpho.

Em todos esses templos e monumentos, o *leit-motiv* era a batalha: nas frisas, sobre as metopas, nos frontões, nos porticos, nas architraves, entre as balaustradas, combatiam centauros, homens, deuses, semi-

deuses, amazonas, atletas, heróes, gigantes, satyros, monstros, touros, corceis — a epopéa da batalha, em marmore, o pandemonio esthetico da lucta. Nas proprias cellas, os deuses impassiveis, serenos e fortes, immortalizavam-se no momento preciso da victoria. Só o escudo da Pallas Athena é um indice infinito de aspectos humanos de peleja.

A pintura da época necessariamente acompanhava o surto da esculptura: nada conhecemos della senão

através dos esplendores descriptos por Pausanias. No muro das cellas, no interior das naves, o colorido rubro dos Hellenos particularisava, os combates synthetizados no marmore e no portico de Poesilo, Polygnoto pintára todas as grandes scenas da historia nacional.

Dizer do atheniense dessa época!
Que o diga um contemporaneo de Pericles, aquelle que Aristoteles chamou o tragico por excellencia, e de quem uma simples monodia repetida libertava prisioneiros nas costas barbaras da

Itadía; que o diga Eurípides, vindo havia pouco da Agora ruidosa, onde um povo inteiro o acclamára, recitando versos de Andromeda, em desaffronta aos sarcasmos de Aristophanes; Eurípides, que do alto da Acropole, á sombra da Athenas Promachos, apercebendo ao longe o mar, o Pireu, Salamina; na planície, Marathona; no recorte do horizonte, alto, o Olympo, a morada dos deuses; o Hymeto, o Pentelico, a fumaça dos marmores; e vendo em baixo a ei-

dade feliz, pela tranquillidade epicurista, exclama:

“Descendentes de Erechteus, felizes desde a antiguidade, filhos predilectos dos deuses bemaventurados, colheis na vossa patria sagrada, jamais conquistada, a sabedoria gloriosa como um fructo nativo, e caminhaes serenos e rectos, com doce contentamento, no ether radiante desse céo, onde as nove Musas sagradas sustentam a Harmonia, a de toucado de ouro, vossa irmã commum.”

Ainda em vida de Pericles, as rivalidades políticas atearam a terrível guerra do Peloponeso, e Athenas, vencida, humilhada, como a França em 1870, glorificou orgulhosa os triumphos passados, mantendo-se metropole intellectual do hellenismo.

A arte simples e placida de Phidias substituiu outra mais torturada e pensativa, em que fulguraram Scopas e Praxiteles. Os criticos affirmam o começo da decadencia que é ainda um apogeu.

É a batalha, como modelo superior de plastica, continúa a prevalecer, faz a sua entrada solenne nos tumulos, ornados até então de figuras calmas, em simples meditação.

No mausoléu de Halicarnaso, uma das sete maravilhas do mundo antigo, o combate domina em todos os baixos relevos. Construído em memoria do esposo, pelo amor desolado de Artemisa, é natural que esses baixos relevos esculpturem uma série interminavel de combates entre Gregos e Amazonas.

Nos pedaços resgatados á destruição e chegados até nós, aos Gregos athletas vencem, pelo numero e belleza, as Amazonas guerreiras.

A victoria de Arbellas, representada num mosaico admiravel, desenterrado de Herculanium, o mais antigo monumento conhecido de pintura historica, amplia as fronteiras do mundo grego, do Nilo ao Ganges e ao Issus, e a arte e o pensamento hellenico espraíam-se dominadores no Oriente conquistado.

Pergamo, Antiochia, Alexandria

universalizam o hellenismo, e os triumphos de Alexandre perpetuam-se em monumentos gigantescos, fóra da medida attica, mas assombrosos de belleza, como attestam, por pertencerem ao cyclo, a gigantomachia de Pergamo e o Laocoonte do Vaticano.

Momento da suprema batalha: o mundo grego enfrenta o mundo romano. E' em Cynocephalos.

De um lado, a phalange, enmoldurada pelo Parthenon, Pallas radiante, pithonizas de Delphos, hierophantes de

Eleusis e a procissão interminavel das Panathenéas gloriosas.

De outro, a legião, enquadrada pelo Fórum, magistrados, taboas cheias de disticos, — leis agrarias, e a columna monotona dos lictores armados de feixes de varas.

Na phalange, os Gregos, filhos legitimos dos deuses, nutridos na sabedoria pelo crime sagrado de Prometheu.

Na legião, os Romanos, filhos repudiados de um sacrilegio, nutridos á vida pelo leite máo de uma loba feroz.

Na phalange, os hoplitas fortes de Platéa; na legião, os velites derrotados em Cannes. Cavalleiros: os catafractas de Alexandre, diante dos scleres de Flaminius. Legião e phalange chocaram-se. Roma triumphou.

A lei, uma fórmula, venceu a beleza, uma criação.

A batalha de Cynocephalos, como a de Sédan, não foi perpetuada em obra-prima imperecível: os vencidos eram, ao tempo, os unicos senhores do segredo divino de immortalizar victorias.

O triumpho romano, antes do contacto grego, approxima-se da bacchanal. O general victorioso recebia o titulo de *imperator*, conferido pelo Senado; entrava em Roma pintado de vermelho e seguido de todo o exercito. A' frente da quadriga triumphal, captivos e pesados carros conduzindo os fructos da pilhagem. Os soldados ébrios atordoavam com hymnos barbaros e o proprio vencedor ouvia ritualmente da plebe delirante os mais ferinos doestos,

para que se não olvidasse da sua condição de homem.

Os hellenos sonhadores injectam esthesia nos Romanos calculistas, que, em rapida assimilação, monumentalizam a batalha. Unindo a architectura á esculptura, erigem um monumento original, votivo ás victorias — o arco de triumpho. E nos arcos de triumpho, nas columnas, no Pantheon, a batalha, unicamente humana (os deuses não desceram mais a combater os mortaes) esplende marmorea, bronzea, photogra-

phando os triumphos de Pompeu, de Cesar e toda a epopéa gigantesca da Roma civilizadora.

Inesperadamente, uma nova tragica abalou o mundo. Espalhou-se a noticia dolorosa de que Pan morrera. Marinheiros gregos chegados a Roma, vindos da costa mediterranea do Epiro, contavam, pela primeira vez, desgrehados e soluçantes, que, em todo o litoral do mar bravio, multidões furiosas, desesperadas, uivavam á vaga — *Pan megas, Pan megas.*

Tiberio, o homem da lei, ordenou immediatamente um inquerito universal para indagar da morte do Deus.

Evidencia-se a verdade: para os lados da sagrada Byblos, Pan, do Olympo o Deus sobrevivente, morrerá.

Sobre um presepe em Bethlém, uma estrella desconhecida brilhou. Forte, guia de Reis, vai conduzir a humanidade por milhares de annos.

Seculos de eclipse para a batalha esculptural e pinturesca. Abençoada sombra! A idade média divinisa a mu-

lher, espiritualiza o amor. As batalhas não foram esculpturadas nem pintadas, mas foram sentidas.

O combate torna-se cavalheiresco; a lucta individualiza-se; e, quando o fidalgo, coberto de ferro, firme na sella, lança em riste, avança em carga assomada, a força corajosa, impulsora desse gesto, vem-lhe toda do coração, traz gravados no escudo o signo da sua fé e o nome da sua amada.

A castellã fragilima e casta arma ainda uma vez o Occidente contra o

Oriente: as cruzadas principiam e nos velhos desertos biblicos os heróes expiram, balbuciando um nome doce de mulher, ou, se victoriosos, proclamalhes o vencido a belleza inegualavel da sua dama.

Parentese para um choque épico e cavalleiresco: Aljubarrota.

Deu signal a trombeta castelhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroso:
Ouvio-o o monte Artabro; e Gadiana
Atrás tornou as ondas de medroso:
Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana,
Correu ao mar o Tejo duvidoso;
E as mães, que o som terribil escuitaram
Aos peitos os filhinhos apertaram.

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas e varios tiros voão;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles soão;
Espedaçam-se as lanças, e as frequentes
Quédas com as duras armas tudo atroão.

.....
Defendei vossas terras, que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

No local da victoria, o genio portuguez, — padrão de gloria artistica, — levanta o mosteiro da Batalha, portico christão dos seus triumphos, das suas conquistas e do seu valor.

A batalha continuava a iulgir como galanteria, os torneios e as justas substituiam as panathenéas sumptuosas.

Num dia de máo humor, Mephis-

tofeles-Cervantes enlouquece o *Qui-chote*. A loucura de *Quichote* foi a volta à realidade: no começo, o anormal era *Sancho*, egoísta, rapace, glotão; o siso era *Quichote*, — o idéal, o sonho, o pensamento. No fim, o paladino enlouquece, distribue bens, recebe sacramentos. Sobrevive-lhe o escudeiro sensato, idealista, sonhador...

Em casa, exausto pela noitada de vigília junto ao morto, *Sancho* adormece profundamente. Ainda idealista, pensador, sonhador! Aos gritos deses-

perados de *Thereza Pança*, reclamando aos soluços pão para os filhos — volta á anormalidade primitiva: acorda burguez.

A armadura do *Quichote*, alargada, encurtada para *Sancho*, enferruja a um canto. A Renascença fulgurava.

Raphael define-lhe a arte: Que pintas em *Galathéa*? — perguntaram-lhe — Certa idéa que tenho, — respondeu.

Não era Fornarina, Fornarina, o modelo; a téla era a idéa, que o dominava. Para senti-la, a essa idéa, e im-

mortalizal-a numa obra-prima, fôra preciso convicção apaixonada, e as batalhas da Renascença não lh'a podiam dar; a guerra era feita pelos braços dos *condottieri*, pagos a peso de ouro. Na batalha, negocio rendoso, ganhava mais quem menos soldados perdia. Em compensação, a astucia, o punhal e o veneno resolviam as questões outr'ora decididas com honra pela espada.

Miguel Angelo, no emtanto, fazendo obra inconsciente, creou, com o rotulo de Lourenço de Médicis, um sym-

bolo de lucta, "*Il pensieroso*", que não é philosopho ou poeta idéalizando e, sim, um genio de acção concretizando a victoria.

Os melhores batalhadores da época, os francezes, esquecendo a tradição dos Turenne e Condé, encontram-se com o *velho Fritz*, rei e heróe, especie de Mecenas coroado, que lhes inflige a lição terrivel de Rosbach, enquanto o seu antagonista Soubise, general bufão, agalado pela Pompadour, trium-

pha no Capitolio brejeiro da cançoneta pariziense.

*
* *

Redemptora das batalhas, sob a
pressão tremenda da consciencia hu-
mana, explode a Revolução Franceza.

A Europa inteira colliga-se contra a França revolucionaria. Na tarde de Valmy, vespera de Jemmappes, numa barraca de vencidos, o maior genio do tempo, cidadão da humanidade, como orgulhosamente se chamou, Gœthe,

grave, solenne, pronunciou estas palavras: "Neste lugar, neste dia, começa uma nova época para a historia do mundo."

O genio é prophético, infallivel; principia com effeito a derrocada de thronos, de imperios, e no scenario da Europa attonita, apparece, como um semi-deus retardatario, vindo fazer legenda, Napoleão, o Phidias incomparavel das batalhas.

As artes representativas do velho thema de lucta, resurgem com fulgor

e a batalha, como expressão de belleza, volta ao apogeu.

Napoleão, artista de genio, escultura ao natural, sobre o solo laborado do velho mundo, modelos supremos de belleza tactica: Austerlitz, Yena, — exemplos inegualaveis de vontade indomavel: Arcole, Marengo; e dá a demonstração infallivel de que o genio é quasi um Deus omnimodo, incansavel: 1814.

È os artistas francezes pintam os mais bellos e perfeitos quadros de ba-

talha conhecidos, e, no dominio da arte, refulge a esthetica napolconica.

Napoleão tinha consciencia plena da linha de belleza na lucta; os exemplos pullulam na sua vida de ultimo rei-heróe, de Carlyle.

Um episodio, entre muitos: no Egypto, a batalha do Thabor, Kleber, ao centro de um quadrado heroico, resistindo impassivel ao embate furioso de um numero décuplo de mamelucos em carga. Guiado pelo troar da artilharia, Napoleão marcha em soccorro.

Ao descortinar a belleza da scena, detem-se — artista, e o estado-maior que o cerca, em vez de ordens precisas de avançada, ouve exclamações á belleza imponente da téla, onde resalta agigantado o vulto equestre de Kleber.

Imaginaí o que pensou Bonaparte! Belleza é evocação: dominava-o no momento o prestígio lendario do deserto, a Asia, Alexandre, um punhado de francezes invenciveis ás faldas do Thabor, montanha sagrada, campo de ba-

talha de Saul, immortalizado em livros biblicos!

Napoleão tinha convicção da sua agigantada estatura épica; Desaix déralhe um throno em Marengo. Um tumulo para o heróe! Napoleão escolheu: — Para Desaix os Alpes por pedestal. É no cimo da montanha, em uma garganta do S. Bernardo, repousa o salvador de Marengo, olhando a Italia, palco da sua gloria.

Os pintores francezes acompanharam a ascenção do victorioso e com a



côr, que d'Annunzio caracteriza como esforço da materia a querer ser luz, illuminaram a epopéa: Raffet, as avançadas tumultuarias; Vernet, o incomparavel, a tragedia dos combates; Gross, os triumphos pessoaes do Cesar; David, o esplendor sereno da conquista, — Napoleão sagrado em Notre-Dame, quadro historico sem rival, que um critico appellida de “processo verbal épico”. E Austerlitz, Wagram, Yena, Eylau — a Europa repetida em uma vasta téla de batalhas.

Le Petit Caporal era artista incomparavel, conhecia como ninguem a scenographia épica: no cemiterio de Gratz, o 84 de linha resiste, firme na morte, ao embate furioso de 20.000 Austriacos. Proclamada a victoria, Napoleão dirige-se immediatamente ao reducto dos bravos: um tambor toca a reunir; formam os sobreviventes, algumas dezenas; em continencia, uma bandeira, crivo de balas. O Imperador aproxima-se, escreve nas dobras: 10 contra 1.

A propria photographia, negação da

arte, pelo servilismo da cópia, com semelhante modelo, produz télas imponentes.

Grande sonho de Meissonier, o de pintar Erfurt — 1810 ! Os soberanos de toda a Europa, reúnem-se em congresso, convocados pelo Corso voluntarioso. Ao entrar nas salas das sessões, cada Imperador, Rei, Grão-Duque, é anunciado pela alta voz de um arauto, enumerando-lhes os títulos e sub-títulos da realeza. Reunidos, os potentados da terra pelo sangue e pela

tradição esperam. O arauto pela ultima vez annuncia numa palavra: "L'EMPEREUR", e, no meio de um grande silencio respeitoso, assoma Napoleão, no uniforme dos Caçadores da Guarda, capote gris de Marengo, chapéo bicorne, enfumaçado, de Arcole.

Napoleão é legenda, legenda vivida, igual ás grandes legendas imaginadas.

Fausto, D. João. Napoleão — hercules supremos do poder humano, os tres, finalmente vencidos, tiveram a sua tunica de Nessus.

Fausto, condemnado á velhice eterna; D. João, ao martyrio da saciedade; Napoleão, prisioneiro em Santa Helena: ironia da duvida; ironia do amor; ironia da força.

Oh! o poeta de genio capaz de enfeixar esses tres personagens gigantescos em um poema immortal!

*
* *

Robert de la Sizeranne, que escreveu sobre a esthetica das batalhas, afirma que o esculptural e o pinturesco

desappareceram da batalha moderna e cita o facto da victoria de 1870 não haver produzido do outro lado do Rheno obra d'arte de valia. Acrescenta ainda que, mesmo do lado dos Francezes, as tēlas que se destacam como obras-primas, representam simples episodios heroicos de soldados ou de pequenos grupos de batalhadores.

. Sizeranne é máo estheta. A observação é bem feita, mas não prova o postulado. ✓

Os Allemães, admiraveis no dominio

da idéa pura, nunca o foram nas artes plasticas. Taine diz de Corneille haver creado as primeiras tragedias e fabricado as ultimas. Os Allemães fabricaram milhares de quadros, jámais crearam uma téla immortal.

Depois, batalha é o épico através da pintura e da esculptura. Não ha épico sem heróe e o heróe em 1870 foi o soldado francez. Natural que as télas francezas immortalizem o seu heróe.

De resto, os Allemães, patricios de Wagner, o genio mais scenographico

da humanidade, na opinião de Nietzche,
não souberam realizar na arte a sceno-
graphia prévia do personagem épico.

A Moltke, representante maximo da
sua gloria militar moderna, tiveram o
máo gosto de perpetuar a figura em
paineis photographicos, pintando-lhe
uma a uma as protuberancias do rosto
enrugado, em franca senilidade.

O heróe é bello: Canova deu a Na-
poleão uma effigie capitolina de Au-
gusto.

Engana-se Sizeranne: na batalha

moderna, como na antiga, a arte tem fonte perenne de inspiração. Que é o "1814" de Meissonier? Episódio comum de qualquer guerra, em qualquer tempo: um estado maior avançando numa planície nevada, paralelamente a divisões que se deslocam. No entanto, "1814" é uma grande página épica: à frente desse estado-maior, marcha, pensativo, ainda cheio de fé, Napoleão, o herói. Retirai-o da tela e restará um quadro banal, tecnicamente bem feito.

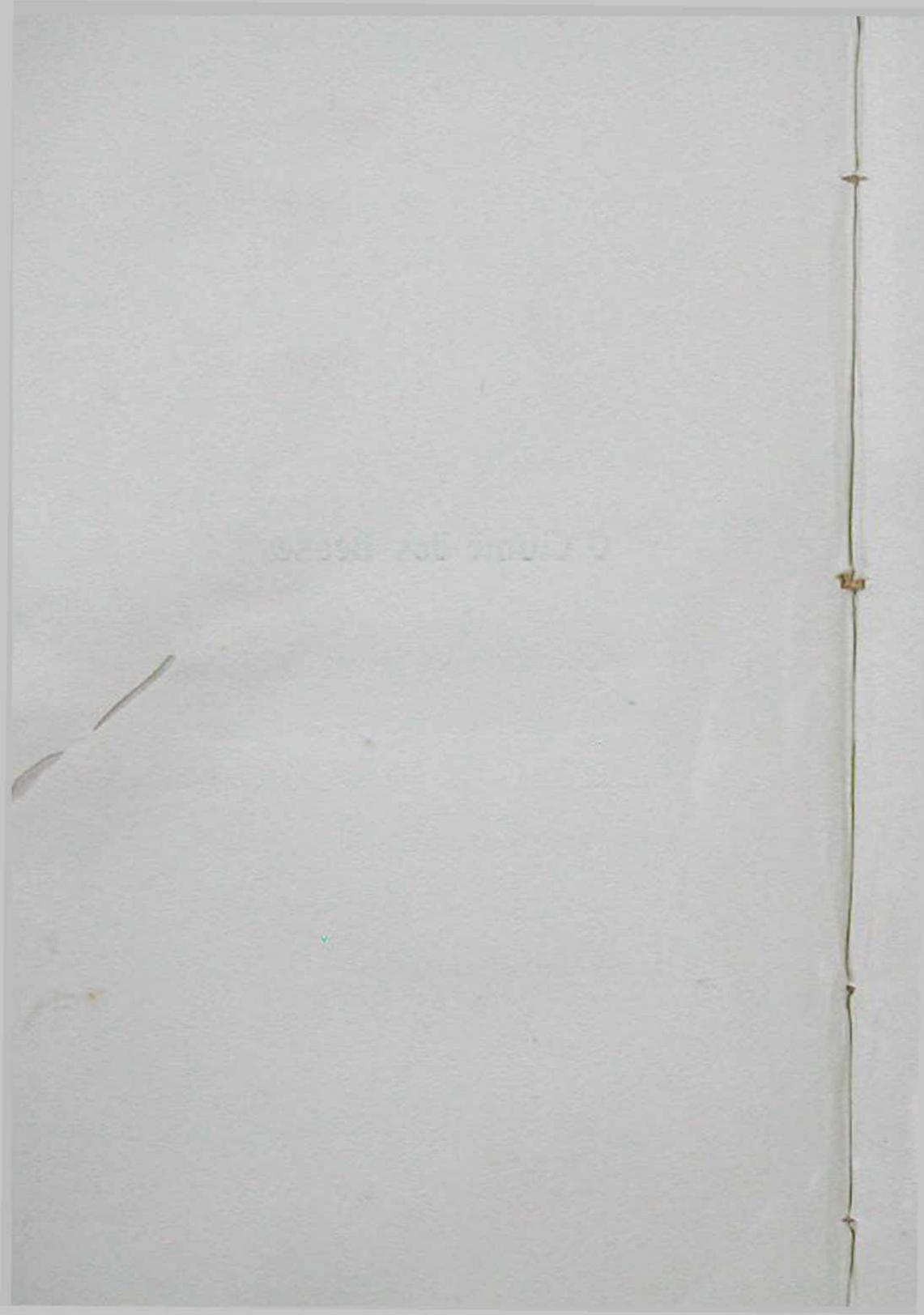
Affirmar que só a batalha antiga é

esculpturavel, grande illusão! E' que só pódem reproduzir e plasmar batalhas artistas superiores. O divino Leonardo formulou um axioma, dizendo: a sciencia progride sempre, a arte, o genio, apparece e desaparece como os me-teoros. Mas, reaparece sempre, e, quando surge, um Rude faz da "Mar-selheza"^{en} um hymno de pedra que não inveja rivaes na esculptura antiga.

A expressão das paixões transmuta-se com os seculos, mas a belleza dellas mantém-se.

Qual mais empolgante: "Oedipo", com as orbitas vazias no bosque sagrado das Eumenides, amaldiçoando as filhas ingratas ou o "Père Goriot", numa mansarda de Pariz, despojado de tudo, entre estranhos, moribundo, vivendo da esperança de revel-as? São duas perfeições. A arte é imortal e não se repete; o seu symbolo supremo é Aphrodite: o amor e a belleza, entrelaçados na lucta.

O Ciúme dos Deuses



«Tuer Hélène, voilà notre symbole.»

EURIPIDE — ORRESTES.

O prosaismo do mundo, se a arte vivesse na natureza! Renego o existente á revelia da vontade dominadora, e desfraldô o meu estandarte na vastidão sem limites do incorporeo, povoada pelo pensamento puro.

A celebrada sciencia, colloco-a em plano inferior, como espelho teimoso em reflectir a mesquinhez dos nossos conhecimentos, justo castigo á morbida curiosidade que nos domina, ao que-remos desvendar segredos de creações alheias, quando podemos, estudando e sentindo a arte, gozar, em essencia, a delicia das creações proprias.

Diminuido o homem na pesquisa do phenomenal, onde ha qualquer coisa de plutonico, pela treva em que taceia, dilatando apenas a percepção, facul-

dade rudimentar da intelligencia, eleva-se a claridades apollineas na creação artistica, em que age como causa primaria e final.

Os progressos da sciencia melhoram e suavizam a vida na parte material do ser; a arte sustenta o pensamento imponderavel, superior á materia.

No inventor de leis, sabio respeitavel, deparamos um vencido, um impotente, a semear de pequeninos pontos luminosos o escuro da ignorancia.

E' triste precisar de genio para descobrir a lei dos angulos internos dos triangulos, cousa perceptivel com pedacinhos de papel cortado; e é doloroso vêr Archimédes nu pelas ruas de Syracusa, ao apprehender a relação existente entre a diminuição do peso do seu corpo e a agua extravasada na banheira.

Em contraste, como seria glorioso o orgulho de Phydias, no silencio de uma tarde atheniense, a contemplar, il-

luminado, colorido pelo sol occiduo, o Parthenon, alto, sobre a Acropole.

Foi por comprehender o nada do saber humano que d'Alembert, o geometra eminente, descobridor de methodos e formulas transcendentaes, depois de consumir a maior parte da vida na aridez mathematica, exclamou, com a Amynta ão Tasso:

“E' perduto il tempo che in amar no se spende”.

Comparai a humilhação resignada de Kepler, sabio genial, com a sobran-

ceria de super-homem de um artista de genio, Miguel Angelo, por exemplo.

Ao terminar esse livro extraordinario, a *Physica Celeste*, Kepler, convencido da existencia de um mundo phenomenal infinito, que nem de leve perscrutára, escrevia, em prefacio:

“Perdoai-me, Senhor, se, simples verme da terra, ousei levantar uma ponta do véo que encobria os vossos mysterios”.

Attentai agora em Buonarotti, de camartello em punho, ao dar o ultimo

retoque ao Moysés: — *Parla!* — exclama, num gesto largo de desafio, ao “outro”, o creador de estatuas falantes...

Em deixando de ser um timido, para affirmar cathedriticamente, transforma-se o sabio no charlatão. Na arte, floresce tambem o cabotino, digno emulo daquelle, abundante principalmente nas sciencias applicadas.

Em todo caso, a Haeckel, charlatão do talento, alicerçando conclusões sobre factos não verificados, para chegar

a arranjos materialistas, prefiro mil vezes a cabotinagem intelligente de Aretino, explorando o orgulho fatuo dos poderosos, a mercadejar Ticiano e a insultar Miguel Angelo, mas experimentando sagrado arrepio esthetico, ao sentir na mão macia e perfumada, de dedos longos e unhas polidas, o contacto delicioso de um camafeu, sahido da ourivesaria de Cellini.

A sciencia tem sempre algo provisorio, sujeito ao progresso e a transmutações; a arte é definitiva: a obra

prima acabada pelo artista de génio eterniza-se immutavel. A proposito, um conto.

Certo dia, Florença acordou sobresaltada. (Florença era á época o Bayreuth do saber). A agua, inexplicavelmente, subira num tubo collocado á beira de um poço.

A sapiencia urbana foi intimada a falar, Faustos antes do pacto mephistophelico, encanecidos na digestão de alfarrabios transcendentales, peçados de calculos e cheios de demonstrações em-

piricas, chegaram, ouviram, pensaram, deduziram e resolveram dogmaticamente: — A agua sobe porque tem horror ao vacuo!

É os nobres florentinos crêram e descobriram-se, reverentes e turbados, ante os oráculos eruditos da cidade.

Florença banira o Dante, como estorvo prejudicial á evolução da sua sciencia politica, e o poeta, foragido em Ravenna, escreve a Divina Comedia.

Scientificamente mediocre, entre uma grande maioria de mediocres, rio-

me da prosápia dos sábios florentinos, e tremo de commoção ao relêr os tercetos candentes do divino desterrado.

A agua turva do poço de Florença aflora aos borbotões em toda a sabiologia...

Não ha muitos annos, genialidades allemãs affirmaram aos quadrantes sua aptidão em provar a verdade da geração expontanea. Chegados a Pariz, o genio crystallino de Pasteur percebeu o charlatanismo e conseguiu, realizando apenas uma asepsia mais completa

nos tubos onde se operava o milagre, demonstrar á evidencia que a geração expontanea era um simples desáso germanico.

No tocante á localisação de funcções cerebraes, como não rirá a posteridade dos especialistas modernos!

Straton, sabio grego, um dos primeiros a versar o assumpto, localisou as mais nobres no espaço comprehendido entre as sobrancelhas. Modernamente, Stricken, sabedor tedesco, após pacientissimas e morosas experiencias

de laboratorio (terror dos cães e supplicio dos coelhos) retomou a antiga e irrisoria hypothese, a que Straton chegára, rapidamente, por meio de observação logica e feliz: — os supercilios enrugam-se ao esforço intenso de pensar.

A sciencia é, as mais das vezes, illusão da realidade; a arte é sempre a realidade dentro da illusão e do sonho.

Tambem a mathematica não se isola do relativismo enganador das outras sciencias, não se refere a realidades

absolutas, mas a hypotheses, affirma Stuart Mill, a convenções, sustenta Poincaré, ambos eminentes geometras. Na applicação ao real, é que participa da verdade delle.

Para a sensação de distancias, prefiro a arte ao metro.

Quando um sabio astronomo me affirma que da terra a Syrius vão tantos milhões de bilhões de myriametros — tenho impetos de visital-o em trem de ferro; ao pensar na phrase artistica de Pascal: "Assombra-me o silencio eter-

no desses espaços infinitos", immobilisa-me uma impressão nitida — entre mim e Syrius — o abysmo.

Não acreditei no atomo, nem creio no absoluto da lei de Newton; juro no entanto que o velho estagirita, principe dos philosophos, Aristoteles, foi axiomatico ao dizer: — "A poesia é uma coisa muito mais séria do que a sciencia e a historia", e esmagou Platão, que audaciosamente insculpira no portico da sua Republica: — "Aqui só entram

os geometras". Republica de Platão, suprema *blague* da sabedoria...

Perdoai-me o longo exórdio, prova de um culto fanático, antes de desvendar os symbolos d'onde emanou a beleza.



Quer seja a arte a natureza vista através de um temperamento, ideação do real, ou verdade transparente á fantasia, a idéa-força, dominadora da fantasia, da ideação e do temperamento,

é o amor. As supremas abstracções transformam-se nas grandes hypostasises, a arte é uma hypostase do amor.

Mas o amor, força primaria na criação artistica, não conhece limites nem barreiras: amor acima do homem, amor que attráe a colera e excita a inveja dos deuses...

Um pouco de theogonia:

Os deuses egoistas, despreoccupados da rudeza infantil dos homens, abandonaram-nos na treva da barbaria primitiva. Promethêu é o primeiro genio

amigo da humanidade. Titan decahido, criminoso ao olhar percuciente dos divinos, affrontou trinta mil annos de castigos olympicos, roubando para dar aos humanos o fogo sagrado. Arrancou o homem á lycantropia inicial, permittio que elle se destacasse no mundo dos animaes, ensinou-lhe os pródromos das artes e das sciencias. De astucias varias, provocadas pelo seu crime, embelleceu a mulher com innumerous attributos, exclusivamente divinos.

É o homem civilizou-se, progredio,

fortaleceu-se, chegou a heroe: um heroe devia libertal-o.

Os deuses viram-se obrigados a limitar o poder conquistado pelo homem, para que somente elles continuassem a gozar da força e da felicidade, numa esphera infinita de acção.

“A vontade voluntariosa dos olympicos inventou a barreira da lei moral: quem a transgredisse na terra commetteria um sacrilegio, e surgio então o sentimento de *nemesis* dos deuses.

O espectáculo de uma felicidade sem

limites no homem bastava para fazel-o nascer. Tornou-se um *ciume* com o mesmo character, na alma das divindades, que tem essa paixão na alma humana.

Todo homem poderoso e afortunado, principalmente em amor, era um sacrilego, avançando sobre o dominio privado dos deuses, um rival, cuja ascensão attingia ás suas moradas.

A este rival, que tentava offuscal-os, os deuses trabalhavam por perdê-lo,

confundil-o, e a sua *nemesis* exercia-se, aniquillando a golpe violento o edificio de felicidade, ingentemente edificado. (1)

Destacado o symbolo, pode dizer-se, em arte, domina, exclusivamente, o amor que produz a *nemesis* vingadora dos olympicos.

Esse conceito resalta evidente em todas as tragedias gregas, livros sacros, que, precedidos da theogonia hesiodica

(1) Decharme, "Mythologie", resumindo ideias de Tournier.

e da Illiada, constituem a biblia dos poetas.

Œdipo, encarnação da fragilidade humana, em lucta com o poder fatal, supporta o choque das maiores desgraças que já affligiram mortal sobre a terra. Forte, nascido para heroe, decifra o segredo da esphinge, liberta Thebas dos invasores, e, ascendendo de fastigio a fastigio — ama. O amor o faz Rei... A avalanche do destino, ao impulso da *nemesis* traiçoeira, desencadeia-se para esmagal-o: — matára

O pai, — Jocasta era sua Mãi, — os filhos eram seus irmãos.

Mãi — esposa, succumbe ante os seus olhos, arranca-os Œdipo, e, cego, peregrina a indizível dôr no mundo fraco, dominado pela maldade olympica, que o arrastára a commetter, innocente, as maiores monstruosidades.

Œdipo não é bem uma tragedia de amor: Antigone, sim. Amor filial, amor fraternal e amor que inspira como mulher, enchem num volume de Oceano, fortalecendo-a, a alma forte de Anti-

gone, para o embate contra a fatalidade nemesica.

Piedosa, resignada, consoladora, acompanha Édipo até o fim do longo martyrio. Para prestar honras funebres a Polynice, arrosta a colera de Kreonte, invencível como instrumento da celeste vingança. Ao algoz que a vitupera pela desobediencia ao edito negando sepultura ao irmão, altiva responde:

As tuas leis não foram feitas por Zeus, nem pela justiça que aureola os

deuses soberanos: jamais editos prevalecerão sobre leis não escriptas e immutaveis na consciencia immortal. Por temor á vontade humana, nunca me tornaria passivel do castigo dos deuses. Sei que um dia morrerei á revelia do teu desejo. Mata-me: a morte, agora, ser-me-hia um grande bem."

E, como insistisse o monstro, daquelles labios frageis brotam estas palavras doces de misericordia:

"Não provenho de um odio mutuo e sim de um mutuo amor."

Brado millenario de alma feminina,
que rebôa aos meus ouvidos como se

Antigone dissera:

— Nemesis potente, indulta-me pela
minha fraqueza: não sou filha do in-
cesto, vivi de uma noite de amor.

Ao termo, quando o corpo de He-
mon, ferido de morte pela paixão, en-
sanguenta no primeiro e unico abraço
de volupia o cadaver de Antigone, no
sepulchro soturno, leito nupcial que ella
annunciára, sente-se irromper gloriosa,
pela acção de uma virgem intemerata,

a victoria da humanidade sobre o destino.

Hérakles, — na terra, triumphante das maiores pugnas, dominador das forças brutas da natureza, no Olympo, acolhido pela razão justa de Athena e pelo esplendor de Apollo, encontra no mais santificado dos amores, a primeira e suprema derrota. Infeliz, desventurada Dejanira, querendo apenas nos braços reter o heroe que lhe fugia para novo affecto, victima da insidia nemesica, atira-lhe aos hombros a tunica

mortificante, vingança terrível de Centauro, que, ao envez de arrastar o amado á camara nupcial vasia, o arremessa á fogueira do Cæta flammejante, lenitivo ao soffrimento herculeo.

Kasandra, a esplender num halo de bondade, é presa innocente da inveja divina, que lhe rouba os affectos. Nas apostrophes atiradas á face do inconstante Agammenon pelo éstro de Hecate, estúa a injustiça da sorte má:

“Ao teu lado adormece a minha filha, inspirada de Apollo, appellidada

Kassandra, pelos Phrigios. Como testemunharás, ó Rei, a doçura das suas noites? Qual a gratidão que lhe tributas pela suave carícia dos seus beijos e qual a gratidão que de ti mereço por ser sua mãe? Ouve, Rei, não ha nada no mundo que compense o amor concedido com amor na obscuridade da noite solitaria...”

É Phedra? quão pungentes ecoam até hoje as imprecações com que responde á fatalidade que a esmaga, superior á sua vontade honesta; Phedra,

envolta no labirinto delineado pela nemesi insaciavel, apesar dos conselhos subtis da ama fiel: — Entre mortaes, sómente amizades que não atinjam á medula da alma. . .

A terrivel Medeia, archétypo de virago ciumenta, é digna de lastima quando exclama: “A fatalidade do meu amor matou-me a volupia da vida.”

Impossivel seria, sem que demasiado nos alongassemos, detalhar o nemesismo das tragedias gregas, onde todos

os sentimentos e paixões que se debatem são super-humanos.

O symbolo maximo é Helena. Quando os Gregos concretizaram o sentimento de *nemesis* numa deusa, e *Nemesis* começou a ter altares, adoraram-na tambem como mãe de Helena.

Que representa Helena? — a vontade materna de anniquillar o homem no amor, alliando á belleza deslumbrante e immortal a alma fria e impassivel da mãe que a gerára. Pomo de ouro, col-

locado alto sobre a terra, e a brilhar perennemente, sem ser conquistado.

Em torno della, e por sua causa, degladiavam-se e baqueavam os heroes: Achilles, Patroclo, Heitor...

O mundo e o homem: um brinco aos seus desejos.

De Helena emanou a belleza, para cortejal-a o genio creava mythos e legendas, desbastava montanhas: marmores, bronzes, o Parthenon, a Illiada, e Helena invencivel...

Oréstes é o heroe synthetico na luta

pela consciencia humana humilhada. O homem triumphára das forças brutas da natureza; porém, no dominio do sentimento, das paixões, da felicidade e da dôr, manietava-o, em circulo de ferro, a vontade soberana da filha de Nemesis, impassivel, bella, fatal.

No atrio do palacio de Menelau, a Pylades, alliado fiel para o combate tremendo, Orestes desvenda o acto mysterioso que o levaria ao triumpho, segredando-lhe:

— Matar Helena, eis o symbolo.

Falham os golpes. Apollo salva Helena, e o heroe é envolvido pelo turbilhão das Eumenides furiosas.

A Orestes liberta-o mais tarde a justiça suprema do Areopago, escudada na rectidão incomparavel de Minerva; mas, a alma collectiva da humanidade, ainda hoje impotente ás paixões, segreda

— Cumpre matar Helena...

Vencido o culto pagão pelo monoteismo judaico (o culto, porque os

symbolos continuam eternos), o espirito creador em arte alliança-se ao archanjo revoltado, victima consciente e satisfeita da belleza e da delicia de Helena.

Satan é filho do amor.

Para proval-o, analysemos a Biblia, com o espirito descuidoso de quem medita a Theogonia.

Perdido o Paraizo, transforma-se o Genesis num livro de formidaveis encontros: forças brutas em choque com

sentimentos brutos. Chaos, barbaria, treva e inesperadamente um clarão:

Capitulo VI do Genesis, versiculo 2º:
— “Vendo os anjos de Deus, que as filhas dos homens eram formosas, tomaram por suas mulheres as que dentre ellas lhes agradaram mais.”

Versiculo 4º — “Ora, naquelle tempo, havia gigantes sobre a terra. Porque, depois que os anjos de Deus amaram as filhas dos homens, nasceram-lhes filhos, que foram possantes e afamados no seculo.”

Eis a lenda na belleza primitiva. Como está escripta, entenderam-na Athenagoras, na sua embaixada aos christãos, S. Justino, nas Apologias, S. Cypriano, no livro da disciplina e Habitos das Virgens, e Euzebio, e Lactancio, e Santo Ambrosio e Sulpicio Severo.

Santo Agostinho, principalmente, matou a singeleza attica dessa poesia. Infeliz lingua hebraica, mais um empuxão á tua proverbial elasticidade! O genio da *Cidade de Deus* affir-

ma: Os Gregos da versão dos setenta truncaram o texto hebraico original (não fossem elles os inventores das bellas lendas). Este devia dizer:—Os filhos de Deus, amorosos das filhas dos homens, —subentendendo-se filhos de Deus os descendentes de Seth e filhas dos homens as provindas de Caim.

Mas... não façamos exegese.

Renego o arranjo dogmatico do egregio fundador da theologia e fico-me com a doutrina simples dos primitivos doutores da Igreja. Creio tambem pia-

mente, como São Tertuliano, no livro "Do enfeite das mulheres", que os anjos dellas enamorados foram os inventores da astrologia, da arte de trabalhar as pedras preciosas e laborar os metaes finos e dessa outra arte ainda mais extraordinaria, a das attitudes, que tanto alinda as descendentes de Eva.

Gloria á mulher na juventude da terra!

O primeiro anjo seduzido foi aquelle grande cherubim de azas phosphorescentes e espada flammejante e versa-

til, que ficou á porta do Paraizo para guardar o caminho da arvore da vida.

Valles e montanhas, campinas e florestas transformaram-se num vasto thalamo de anceios e desejos, onde amavam anjos, demonios incubos e demonios succubos, filhas de Seth e gigantes descendentes de Caim.

A colera de Deus — nemesis dos Deuses, desencadeia-se:

Lucifer e os rebellados tombam em catadupas do céo e, na terra, para apagar esse incendio de amor — o diluvio.

Jehovah diz pela bocca sagrada das escripturas: — Derramarei as aguas do diluvio sobre a terra, para fazer morrer toda carne em que haja palpição de amor debaixo do céo.”

Satan é um enclado pela revelação das fontes da vida.

— Satan é o Prometheu do amor.

.....

O diluvio não matou Satan. Jehovah, velho Deus bondoso, nas paginas sagradas dos livros que revelou, por vezes condescende com o decahido. Em

todas as grandes scenas de paixão do Velho Testamento, transparece Satan ou o espirito do amor que provocou o diluvio.

Sansão, o Hercules biblico, enviado do Senhor para exterminar os philisteus, dominadores dos eleitos, não resiste ás seducções do revel.

Uma philistéa gentil e astuta sedul-o, subjuga-o, doma-o.

Certa vez, indo vel-a, inebriado dos encantos della, encontrou na estrada um leão feroz que rugia: sem armas,

esquartejou-o, como se fosse um cabrito.

Seus paes reprovaram horrorizados a insensatez do affecto que o assoberbava. No dia feliz das nupcias, Sansão visitou o cadaver da fera. Na bocca escancarada do leão morto, zumbia uma colmeia de abelhas, farta de mel.

Desse mel delicioso, sem lhe descobrir a origem, deu a provar aos progenitores, e elle proprio, fruindo a voluptua dos favos doces, entregava-se inteiro ao seu amor.

Desmandibulava leões e corria fragil
para os braços da amada.

Breve trahido, salva-o da primeira
quéda o espirito do Senhor.

Dalila, Dejanira impudica, ao calor
de beijos lascivos e de caricias compro-
metedoras, arranca o segredo da força
do heroe, que, adormecido no regaço
delicioso da peccadora, doce favo de
mel, perde a cabelleira potente.

É Sansão foi o mais forte dos Jui-
zes...

Holophernes cerca a Bethulia com

120.000 homens de pé e 22.000 de cavallaria. Os filhos de Israel, tribu de Deus, assombrados ante a multidão armada que os investe, prostram-se por terra, cobrindo a cabeça de cinza e brandando por quem os liberte da escravidão inevitavel.

Satan não é vingativo, attende: a seducção feminina que o perdera vae salvar a Bethulia.

Judith, com belleza rebuscada e attitudes aprendidas entre cilicios e jejuns, livra a tribu de Israel.

Gozaí, com o sabor bíblico:

“Chamou a sua escrava, tirou de si o cilício, e despiu-se dos hábitos de sua viuvez, e lavou o seu corpo, e ungiu-se de preciosos cheiros, e entrançou os cabellos de sua cabeça, e poz uma coifa magnífica sobre a sua cabeça, e vestiu-se com os vestidos da sua gala, e calçou os seus pés de sandalias, e poz braceletes, e joias do feitio de assucenas, e arrecadas, e anneis e ornou-se com todos os seus enfeites”; e partiu para a tenda de Holophernes.

O mysterio da tenda não o descubro.
Premio: a cabeça de Holophernes e a
Bethulia liberta.

Então, cantou Judith este cantico:

“O Assyrio veio dos montes da parte
do Aquilão, com a multidão da sua for-
ça, a qual multidão esgotou as torren-
tes e com a sua cavallaria cobrio os val-
les. Holophernes, o poderoso entre el-
les, não foi prostrado ás mãos dos com-
batentes, nem os filhos de Titan o fe-
riram, mas Judith, filha de Merari, o

derrubou com a formosura do seu rosto, as suas sandalias lhe arrebataram os olhos, a sua belleza lhe captivou a alma, ella lhe cortou a cabeça com o alfange”.

Ingenua Judith: empregara a tactica invencivel...

Assuéro, o triumphante Dario da historia, crendo nas intrigas de Aman, publica o terrivel edito de exterminio aos judeus. Êsther, no meio de banquetes, onde o vinho e as danças lascivas afogueavam os semblantes, amando e

fazendo-se amar de um infiel, salva os da sua raça.

E Abgail, e Agar, e o Cântico dos Cânticos...

Houve um momento em que as prophcias perigaram: a cadeia da genealogia de David, tronco da familia de Judá, ameaçava romper-se. De Salmon nascera Booz. Booz, viuvo, sem filhos, octogenario, cedro ancião sem uma flor á raiz.

O amor, delicia do peccado, vae manter a verdade prophetica.

E Noemi disse a Ruth:

“Lava-te, pois, e unge-te, e toma os melhores vestidos e vai á sua eira. Não te veja Booz, menos que tenha acabado de comer e de beber. E, quando se fôr deitar, nota bem o lugar em que dorme, e irás e levantar-lhe-ás a capa com que se cobre da parte dos pés, e alli te deitarás e te deixarás estar”.

Ruth respondeu-lhe: “farei tudo que me ordenas”, e partiu.

“E quando Booz, depois de ter comido e bebido, estava mais alegre e se

foi deitar a dormir ao pé de uma mēda,
veiu Ruth muito de mansinho, e tendo
levantado a capa pelo lado dos pés, dei-
tou-se alli.

É eis que pela meia-noite despertou
Booz espavorido e turbado: e vio uma
mulher deitada aos seus pés.”

Booz ne savait point qu'une femme était là,
Et Ruth ne savait point ce que Dieu voulait d'elle.
Un frais parfum sortait des touffes d'asphodelle;
Les souffles de la nuit flotaient sur Galgalá.

L'ombre était nupcialé, auguste et solennelle;
Les anges y volaient sans doute obscurément,
Car on voyait passer dans la nuit, par moment,
Quelque chose de bleu qui paraissait une aile.

Qualquer cousa de azul que parecia

uma aza! Era Satan, que passava dentro da noite, a rir, triumphador...

E de Ruth nasceu Obed, avô de David.

Aclarados os symbolos, posso deduzir: do choque entre Satan e Nemesis nascem todas as grandes paginas de amor em arte.

Dirão: arte immoral! Retrucarei: o objectivo da moral social é o bem; mas o objecto moral da arte confunde-se

com o seu objectivo esthetico — é exclusivamente o bello.

Emquanto viver Helena, haverá mais moralidade esthetica no gesto impudico que desnuda Phrynéa em frente aos juizes do que no ardor de Madame Roland, a pregar diante do Aréopago revolucionario idéas de Rousseau, sacrificando a formosissima cabeça em holocausto á virtude na sociedade.

E o amor conjugal?! O amor conjugal é a natureza, é a lei de Newton...

Em arte, o matrimonio é a pianola

do amor: nas mais bellas arias que execute, transparece o mecanismo da lei humana, sopitando instinctos de emanação divina. A arte do matrimonio é a photographia: o casal feliz, cercado da prole promissora.

Mas, volvamos á linha recta: a lucta entre os dous symbolos lucida se destaca se analysamos o maior canto de amor cantado em poesia universal — *Francesca de Rimini*, amor victorioso á eternidade do inferno, pois, ainda no circulo de dores que lhe coube, conti-

nua. Dante contemplou impavido o esplendor de Beatriz no Paraizo, e, ao ouvir Francesca, *caddi come corpo morto cade*.

Paolo e Francesca liam Lancilotto (Satan folheava as paginas do livro). Ao lerem que o amante terno beijara o sorriso da amada

*Questi, che mai da me non fia diviso
La bocca mi baciò tutto tremante.*

Nemesis, que tudo vira, zeladora da lei moral pelo egoismo ciumento dos deuses, traz pela mão Lanciotto Mala-

testa. Um golpe e a leitura findou para sempre.

No jardim do Capuleto, Satan distende a escada de seda por onde sobe Romeu e a sua aza protectora acorda para cantar, em tempo, a cotovia... Ao desenrolar da tragedia, Nemesis triumphs.

Entre Hamleto e Ophelia, á mercê da corrente, coberta de flores e flor em botão para o amor, Nemesis colloca o espectro da esplanada.

D. João, heroe cyclico do amor, fí-

lho dilecto de Satan, é, até hoje, um vencido pelo poder nemesico.

Sganarello tirava do bolso, radiante, a lista numerosa das victorias do amo, mas o heroe sente o coração vasio no espaço que medeia entre um amor que morre e outro que desponta.

Fausto rouba-lhe Elvira. Esconde-a, medroso, no cimo dos Alpes. D. João rejubila: o acicate do despeito ou do ciume talvez o faça feliz. Chega ao esconderijo onde se acoitam. Elvira morrera fiel á paixão unica. Abraçado ao

seu cadaver, Fausto soluçava. D. João dá de ombros, e, sorrindo, desce a montanha em busca de um novo amor.

Infeliz D. João! De desejo em desejo, sem jamais encontrar o amor ideal!

A felicidade fugia-lhe a cada nova aventura. Uma grande aspiração, anhe-lo nitido no começo, era ao fim vaga miragem. Sel-o-á sempre, enquanto Nemesis subsistir.

Realizar o sonho de Orestes, eis o simbolo...

Tivesse eu forças para concluir legendas e faria D. João palmilhar o caminho do segundo Fausto. Leval-o-ia á mansão de Helena. O deslumbramento do meu heroe seria incómparavel ao presentido em todas as conquistas anteriores.

A filha de Nemesis deixar-se-ia vencer. D. João fruiria daquelle amor de Deusa com um impeto e uma delicia maiores que Páris e Menelau.

Passado o extase inicial, experimen-

taria o mesmo amargor de outr'ora, saciedade, fatalidade *nemesica* no amor.

Numa resolução suprema, rijos os musculos relaxados pela volupia, cheio o coração da vontade forte dos heroes antigos, desfecharia o golpe final para a victoria absoluta do homem na terra, e, retomando o ideal de Orestes, mataria Helena.

Do orbe, um grito lancinante! —
Matar Helena é matar a arte e a beleza.

D. João responderia:

—Énthronizei o homem no amor, no mundo dos sentimentos e das paixões que lhe fugiam ao dominio. Vêde: Nemesis se contorce na furia das gehennas; Satan, seguido da cohorte, cabisbaixo, triste, mas archangelico e luminoso, procura a escada de Jacob. Jehovah perdôa e acolhe-o: realiza-se na terra o seu desejo, falho no diluvio, pela vontade soberana do homem. Morreu Helena: para a arte, a redempção do amor mystico. Fra Angelico pintava as suas incomparaveis madonas sem

modelo, genuflexo, soluçando de amor pela Virgem Mai. Fra Angelico foi, antes de mim, um D. João feliz do amor mystico. Mystico, o amor que inspirou Dante e *che muove il sole e l'altre stelle*. Mystica, a fonte do lyrismo de Petrarca. Martyr do mysticismo, Tasso. O titan Miguel Angelo, sem ser um mystico, fugio de Helena. Mystico, o impulso creador do genio de Comte ao realizar a maior synthese humana. Mystico e saudoso, o amor que erigio as cathedraes de Chartres e Amiens e povoou

um largo recanto da terra de templos que são joias. A arte não morre e a beleza se espiritualizará: Da Vinci retoma a paleta.

É D. João exulta, ebrio de amor e felicidade perenne, cerebro e coração a transbordar affecto para uma Elvira ideal, Dulcinéa intangível, que reúne ao espirito subtil de Heloisa o recato virtuoso de Laura, a compunção resignada de Eleonora, a virgindade resplandecente de Beatriz e traz, a florado ao

semblante, o sorriso eterno da Gioconda.

Ao cabo, heroe triumphante e feliz, em contacto intimo com a natureza, ajoelhado sobre a terra, vasto solio do grande templo que o céo termina, dividindo em naves infinitas os horizontes que se succedem, D. João, sem guitarra e sem espada, ante os olhos o missal do mysticismo, a Imitação de Christo, orando fervorosamente para alcançar a gloria suprema da morte de amor, os versiculos seguintes:

“Não ha no céo nem na terra cousa mais doce, mais forte, mais sublime, mais ampla, mais agradavel, mais completa nem melhor que o amor. Grandé cousa, o amor! Bem sobre maneira grande! Elle só faz leve o que é pesado, elle só affronta sereno as agruras da vida.

Quem ama corre, vôa, vive alegre, livre de todo o embaraço.

Dá tudo por tudo, e tudo possui em todas as cousas, pois, acima de todas,

descansa no unico bem soberano, de onde emanam todos os bens e procedem.

O amor desconhece os limites, que a todos os limites excede o seu ardor. A fadiga não o cança, não ha laços que o prendam, nem temor que o perturbe: qual viva chamma, ardente labareda, rompe as alturas, onde paira victorioso.

Prenda-me o amor, acima de mim me arrebate no enlevo do seu transporte. Entoarei o cantico de amor, nas alturas voarei comvosco, amada minha, em minha alma abafará o meu canto o

proprio jubilo do amor. Quero amar-vos mais do que a mim e a mim só por vós, e em vós a todos os que devéras vos amam, é esta a lei do amor.

Só quem ama entende este nome de amor. E' um grande brado aos divinos ouvidos o ardente affecto da alma a dizer-lhe:

Amada minha, amor meu, vós toda minha, eu vosso todo.

Dilatae-me no amor, para que possa no intimo da alma saborear quão doce

é amar, no amor derretido engol-phar-me”.

E nesse templo augusto, cathedral da vida, á sombra da arvore do mal, florida de bondades, morre D. João, na agonia lenta e deliciosa de uma morte buscada e conseguida pela força unica do affecto que o domina, emquanto pelo universo inteiro rebôa um côro triumphal, conjunto harmonioso das vozes irmanadas de todas as mulheres

que amaram sobre a terra, repetindo
e cantando em estribilho sonoro a
phrase da Sulamita:

O AMOR E' FORTE COMO A MORTE

Suslintot.

Rio-24-4-1915

Este livro me foi
oferecido por Alcides
Maya.